

# O campo de batalha vertical no século XXI

## Realidades táticas, ambiguidades estratégicas e lições apreendidas do combate urbano

*Alvaro de Souza Pinheiro<sup>1</sup>*

*Assim como cada guerra é única, o exército de cada nação é um reflexo único de sua estratégia nacional, governo, economia, demografia e cultura. Por essa razão, nenhuma lição aprendida pode ser considerada válida para todos os ambientes operacionais de combate urbano. É fundamental, entretanto, estudar e tirar ensinamentos das experiências alheias.*

Lessons learned from modern urban combat, Appendix H, US Army FM 3-06.11 – Combined Arms Operations in Urban Terrain.

### Introdução

**S**un Tzu (*A Arte da Guerra*) já estava pleno de razão, quando, em 500 AC, asseverava que atacar cidades era uma péssima política. Algo que só devia ser realizado quando não houvesse mais alternativas. Um pensamento que encontra respaldo até os dias de hoje. Entretanto, sangrentas batalhas urbanas têm sido travadas desde a Batalha de Jericó, nos tempos bíblicos, até as recentes Batalhas de *Grozny*, na Chechenia e de *Fallujah*, na Campanha do teatro de operações (TO) Iraquiano.

Na verdade, as operações militares em terreno urbano não se constituem em novidade para as doutrinas militares terrestres

dos países do mundo ocidental. O que é novo é que as áreas e as populações urbanas cresceram significativamente no século XX, passando, em consequência, a exercer uma grande influência nas operações militares.

O mundo está-se transformando de uma sociedade rural para uma sociedade urbana, e, por isso, a demanda pela transição das operações de combate para as de estabilidade e de apoio civil, e vice-versa, está influenciando, sobremaneira, doutrinas militares em todos os continentes.

Estima-se que, por volta de 2015, 75% da população do mundo (sobretudo, na Ásia e na África) estarão vivendo em áreas urbanas. Cada vez mais, cidades de porte diversificado tornar-se-ão centros de decisão político-eco-

<sup>1</sup> General de brigada na reserva, analista militar especialista em operações especiais, guerra irregular e contraterrorismo.

nômica, concentradores de todos os matizes da mídia, constituindo-se em centros de gravidade que não poderão ser desbordados ou evitados.

Operações de combate em ambiente urbano podem ser conduzidas a fim de capitalizar vantagens estratégicas ou táticas, pela posse ou controle de determinada cidade, ou negar tais vantagens ao inimigo. Áreas urbanas de maior porte representam o poder e a riqueza de um determinado estado nacional, sob a forma de parques industriais, complexos de transportes, instituições econômicas, bem como centros políticos e culturais. A negação ou a captura dessas áreas pode acarretar decisivas vantagens físicas e psicológicas que, frequentemente, determinam o sucesso ou a derrota em um conflito de amplas proporções. Vilas e cidades de menor porte serão envolvidas na confrontação, em razão de sua maior ou menor proximidade de vias de acesso capitais ou porque materializam linhas de comunicações que são vitais para a sustentação do esforço de combate.

Em consequência, há que se considerar que a probabilidade de ambientes operacionais urbanos constituírem-se nos campos de batalha do futuro é cada vez maior.

Acrescente-se, como fator altamente complicador, a marcante presença da população civil não combatente, identificada universalmente como "terreno humano", cuja relevância e grande complexidade determinam que as "considerações civis" sejam, na atualidade, um dos "fatores da decisão" da maior importância, o que demanda o estabelecimento de "regras de engajamento" claras, objetivas, e mais restritivas do que em qualquer outro ambiente operacional, a fim de evitar baixas e danos colaterais, por menores que possam ser.

Tudo isso contribui sobremaneira para que atores não estatais constituídos por forças irregulares, com diferentes níveis de preparo, concentrem suas áreas de atuação nos ambientes operacionais urbanos, a fim de obter paridade estratégica com forças oponentes, cujo poder de combate é significativamente superior (pressuposto básico do conflito irregular assimétrico ou de 4ª geração), situação que, em qualquer outro ambiente operacional, seria impossível obter.

Por todo esse contexto, muito mais do que no passado, o combate em terreno urbano está demandando dos corpos de tropa uma preparação especializada de grande exigência, condição sem a qual, além de não ser possível cumprir a missão, ainda resultará em pesadas taxas de atrito.

Significativos eventos recentemente ocorridos têm demonstrado que, neste mundo em que a globalização está presente em todas as áreas da atividade humana, inclusive no campo militar, na busca da operacionalidade plena para o combate urbano, torna-se indispensável a coleta e a análise de lições aprendidas em todas as experiências que diferentes forças terrestres estão a colher nos mais diversificados ambientes operacionais.

### **Realidades táticas**

O ambiente operacional urbano apresenta especificidades únicas, que o diferenciam totalmente de qualquer outro, resultando em relevantes consequências táticas, cujos efeitos se fazem sentir nas táticas, técnicas e procedimentos (TTP) a serem adotados.

Seus componentes fundamentais são: o terreno (incluindo a área natural adjacente às

edificações construídas), a população (terreno humano) e a Infraestrutura de apoio; todos constituintes de um sistema de sistemas totalmente interdependentes.

Em função de sua elevada complexidade topográfica, o ambiente urbano restringe as vantagens tecnológicas, impacta o ritmo das operações, demanda forças desdobradas em pequenos efetivos altamente descentralizados, e provoca dilemas morais críticos, em função da presença da população civil não combatente.

Na atualidade, a mais moderna, eficiente e eficaz concepção de preparo e emprego, identificada, no mundo ocidental, como “operações de amplo espectro” (*full spectrum operations*), preconiza que as operações de combate ofensivas e defensivas serão desencadeadas simultaneamente com as de estabilidade e de apoio civil. Esta concepção está sendo modernamente adotada como fundamento básico de preparo e emprego também nos ambientes operacionais urbanos, com todos os fatores complicadores intrínsecos.

O ambiente urbano restringe a manobrabilidade tática dos veículos blindados, dificulta e, não raro, impede o apoio aéreo, e demanda uma confrontação, a curta distância, das forças beligerantes, contribuindo para tornar-se um fator multiplicador de poder de combate das forças defensivas, em detrimento das forças atacantes.

As construções, de maneira geral, proporcionam cobertas e abrigos de alta qualidade para a infantaria, particularmente para os “caçadores” (*snipers*) e guarnições de lança rojões anticarro. Edifícios de vários andares e porões no subsolo permitem aos defensores o favorecimento pela tridimensionalidade (largura, extensão e altura — o campo de

batalha vertical) do terreno urbano. Algumas cidades de maior porte apresentam redes de esgotos, canais, valas, linhas férreas de metrô e tubulações subterrâneas diversificadas, que se constituem em verdadeiras vias de acesso para a facção que conhecer profundamente o terreno (e seu subsolo); o que possibilita aos defensores deslocar-se em direções diversificadas (inclusive à retaguarda do oponente), totalmente fora das vistas e fogos do inimigo. Além de restritos na sua manobrabilidade, os blindados não dispõem de campos de tiro que lhes proporcionem a possibilidade de um tiro justo e preciso; muito pelo contrário, os reduzidos campos de tiro minimizam a potência de fogo tanto dos carros de combate quanto da artilharia e dos morteiros.

O fato de que a maioria das confrontações ocorre a curtas distâncias, resulta que os projéteis dos fuzis ainda retenham energia suficiente para penetrar o colete à prova de balas dos combatentes. As construções proporcionam a possibilidade de que os defensores, ocupando sítios cobertos e abrigados, disparem seus rojões, a curta distância, nas partes onde a blindagem dos veículos não é reforçada (laterais e em cima). Aproveitam também a inexistência do reforço da blindagem embaixo, para otimizar o emprego de minas e dispositivos explosivos improvisados. Tudo em um contexto em que o movimento das viaturas é mandatoriamente canalizado pelas ruas e pelos poucos espaços abertos, o que contribui para que o defensor que teve tempo para a preparação de suas posições, possa otimizar o planejamento para a destruição desses veículos.

A estrutura das áreas densa e compactamente edificadas é dividida e subdividida pelas ruas. Não raro, não há nenhum tipo de modelo

planejado nos padrões da urbanização, devido ao fato de que na maioria dos núcleos urbanos, particularmente nas suas regiões periféricas, o crescimento das edificações ocorre sem controle de qualquer natureza. Nos centros urbanos de maior porte proliferam, inclusive, o que é universalmente identificado como *shanty towns* (conhecidas no Brasil como “favelas”). Regiões que, via de regra, constituem-se em áreas de homizio para o crime, organizado ou não.

Esse crescimento desordenado evidencia um dos mais graves problemas do combate urbano: a deficiência de Inteligência, sobretudo, no conhecimento do terreno e na localização do inimigo, em função da inexistência de cartas atualizadas nas escalas adequadas; e mesmo os reconhecimentos aéreos, não resolvem o problema, pois não acessam as regiões do subsolo. Estimativas de situação, não raro, ficam totalmente comprometidas pela impossibilidade de responder, com certeza, a questionamentos dos mais simples, tais como: “onde estou?”; “onde estão meus elementos subordinados?”; “onde estão os elementos vizinhos?”; “onde está o inimigo?”. A inteligência nos ambientes operacionais urbanos é, ao mesmo tempo, crítica e difícil de ser obtida. Até porque, a inteligência humana prepondera significativamente sobre a de sinais e a de Imagens, nesse ambiente operacional.

No que se refere ao apoio aéreo, um tradicional recurso empregado pelas forças regulares do mundo ocidental, as restrições são quase proibitivas com relação ao apoio aéreo aproximado de aeronaves de asa fixa. Com relação às de asa móvel (Hlcp), seu emprego é viável e, em determinadas situações, extremamente oportuno. Todavia, o voo visual a baixa altura as deixa tremendamente

vulneráveis às mesmas armas que ameaçam os blindados.

Outra restrição muito séria, até porque interfere diretamente nos sistemas de comando e controle, é a significativa depreciação das comunicações, em função dos obstáculos proporcionados pelas construções edificadas de maior porte.

Da mesma forma, sistemas diversificados, tais como armas guiadas a *laser*, *GPS* e outros, sofrem reduções significativas na sua eficácia.

Mas, sem dúvida alguma, os mais complexos problemas dos ambientes operacionais urbanos estão diretamente relacionados à população civil em presença. Mesmo em um cenário da melhor hipótese, quando a população for amigável ou até mesmo indiferente; mesmo assim, sua presença trará sérias restrições, caso venham a ocorrer contatos com o inimigo, com a sua presença. Por outro lado, em um quadro insurrecional, separar os civis hostis daqueles não combatentes, reveste-se de uma dificuldade e dramaticidade ímpares. Sobretudo porque, via de regra, nesses cenários está presente o fenômeno do terrorismo, seja como um instrumento tático, ou até mesmo como um relevante instrumento estratégico, caracterizando-se como um fim em si mesmo. “Ganhar corações e mentes” permanece sendo prioridade absoluta, porém, frequentemente, de difícil consecução.

Comandantes em todos os escalões deverão primar por elevados padrões de liderança, fundamentados na sua capacidade de interpretar as vantagens e desvantagens que a urbanização oferece, bem como de que forma o terreno (não só o fisiográfico, mas também o humano) afeta a eficiência operacional de

sua unidade, concluindo os efeitos sobre as ações táticas a realizar.

Experiências relevantes, inclusive as mais recentes, estão aí para ratificar que, mesmo sob as mais favoráveis circunstâncias, o combate urbano é um verdadeiro pesadelo, mesmo para os mais preparados contingentes de tropa desdobrados.

### Ambiguidades estratégicas

Analisando sob o ponto de vista estratégico, no século XXI, as Operações militares em terreno urbano estão grupadas em três grandes categorias: guerra urbana de alta intensidade; contrainsurreição ou operações de imposição da paz em terreno urbano; e operações militares de apoio civil.

No passado, os exércitos engajavam-se em combate urbano de alta intensidade por razões fundamentalmente estratégicas. Os soviéticos e os alemães confrontaram-se em Estalingrado, basicamente porque suas lideranças político-militares entenderam que o sucesso nessa batalha traria dividendos da maior relevância sobre o moral nacional, tanto de vencedores quanto de vencidos. Este pressuposto era, provavelmente, inconsistente, porém, esta decisão foi tomada nos mais altos níveis político-estratégicos. Similarmente, os vietnamitas do norte e seus aliados irregulares do *Viet Cong* decidiram conquistar e manter a cidade de *Hue*, enquanto que, reativamente, os EUA e seus aliados do Vietnã do Sul decidiram que tinham que retomá-la rapidamente, por razões de alto nível político. Mais uma vez, tais decisões podiam ser profundamente contestadas. Numa outra relevante situação ambígua, o ataque final soviético sobre Berlim foi decidido em função da justificativa de que

o seu efeito principal seria a rendição incondicional da Alemanha nazista, o que também poderia ser extremamente questionável.

Todavia, o mais importante, como ensinamento colhido, não é exatamente avaliar erros e acertos, mas, sim, ter-se em mente que raciocínios que conduziram a decisões dessa natureza podem repetir-se novamente no século XXI.

Formuladores de política do mundo ocidental tendem a identificar determinados regimes em determinados países como a fonte de ameaça aos seus interesses vitais. Em uma análise prospectiva utilizando a técnica de cenários alternativos, é possível visualizar-se que, sob pressão extrema, tais regimes hão de procurar refúgio onde encontrem as melhores probabilidades de sobreviver. Se o terreno lhes proporciona montanhas ou selvas, serão utilizadas. Porém, grandes centros urbanos serão sempre extremamente atraentes.

Incontestavelmente, na atualidade, a finalização de uma guerra, pelo menos a sua conclusão pela via mais rápida, é praticamente impossível sem a ocorrência de um sangrento combate em um centro urbano de grandes proporções. E esse é o axioma fundamental do conflito irregular assimétrico do século XXI, sobretudo porque, sendo imensa a disparidade de poder de combate entre os envolvidos, o lado mais fraco evitará a confrontação armada em um campo de batalha tradicional, conduzindo essa confrontação decisiva para um ambiente operacional urbano, compatível com a tentativa de obtenção de uma paridade.

A contrainsurreição e a imposição da paz urbana, embora estejam enquadradas na mesma categoria, apresentam diferenciações relevantes. Enquadram-se nessa categoria

operações tais como: as complexas operações desencadeadas pelos ingleses na insurreição da Irlanda do Norte; a ofensiva soviética para conquistar e manter a capital da Chechenia — *Grozny*; e as recentes operações israelenses no sul do Líbano e na Faixa de Gaza. Todas caracteristicamente contrainsurreicionais, marcadas pela presença de atores não estatais protagonistas (e não mais coadjuvantes, como era a norma no passado). Atores estes, cujo poder de combate é materializado pela presença de forças irregulares, organizadas em seus braços: ostensivo (força de guerrilha); e clandestino (forças de sustentação e subterrânea).

Na atualidade, é impositivo entender-se, em toda a sua plenitude, uma das manifestações irregulares mais relevantes: o terrorismo contemporâneo, que deixou de ser um instrumento tático (típico no período da Guerra Fria), para ganhar profundas conotações estratégicas, inclusive tornando-se transnacional, e cerradamente conectado a estruturas do crime organizado, também transnacionais. Um exemplo marcante são as FARC, hoje, um exemplo típico de uma organização narcoterrorista com conexões com o crime organizado de países de diferentes continentes.

A contrainsurreição e a imposição da paz diferenciam-se, sobretudo, pela expectativa de confrontação armada e intensidade do combate. Na primeira, as forças convencionais sabem que os insurgentes são os inimigos, e a confrontação é absolutamente inevitável. Na imposição da paz, tal não ocorre; embora preparadas para a pior hipótese, as forças regulares podem, até pela mediação e negociação, desbordar ou evitar o combate. E caso ele se torne inevitável, sua intensidade, via de regra, não está no mesmo nível da contrainsurreição.

Nesta categoria, avulta a presença estratégica das forças de operações especiais (FOpEsp). Estas, por meio de ações diretas (ações letais diretamente executadas contra as forças irregulares, particularmente, sobre as suas estruturas de liderança) e ações indiretas (ações realizadas por forças nativas irregulares conduzidas por destacamentos operacionais de forças especiais (DOFEsp), que também adestram forças regulares locais em TTP de guerra irregular). Outra capacitação das forças especiais é a constituição e a condução de forças subterrâneas locais (componente clandestino das forças irregulares amigas), que são, na atualidade, instrumentos indispensáveis no combate contra forças irregulares hostis, também nos ambientes operacionais urbanos.

Na contrainsurreição e na imposição da paz, avulta o problema da obtenção da inteligência em todos os níveis. Além da ratificação da preponderância da inteligência humana sobre as de Sinais e de Imagens, no nível estratégico, a consequência impositiva é que os comandantes devem compreender, em toda a sua plenitude, o elevado nível de sensibilidade política, sobretudo junto às mais significativas lideranças locais. A inteligência permanece cerradamente conectada às operações psicológicas, na medida em que as atitudes e comportamentos dos públicos-alvo em presença são fundamentais na consecução dos objetivos a atingir.

A terceira categoria, operações militares de apoio civil são aquelas em que as forças regulares são chamadas a participar efetivamente, conforme legislação pertinente, no apoio às autoridades civis, seja na segurança pública, seja nas situações de calamidade pública. Situações como as ocorridas quando

dos *Los Angeles riots* (distúrbios civis em *Los Angeles*) e o *Hurricane Katrina* (Furacão *Katrina*) são exemplos universalmente conhecidos, típicos de operações militares de apoio civil. A probabilidade da execução de ações letais de combate nessa categoria é bastante minimizada em relação às categorias anteriores. Todavia, o grau de complexidade, em função de fatores complicadores específicos, permanece elevado.

No Brasil, as chamadas operações de garantia da lei e da ordem (GLO), bem como a tradicional participação das Forças Armadas na assistência às comunidades civis nas catástrofes públicas — todas, atividades respaldadas na Constituição Federal e em diretrizes específicas oriundas dos mais altos escalões —, são exemplos que se enquadram nas operações militares de apoio civil.

Em função das realidades contemporâneas, torna-se cada vez mais evidente que as autoridades responsáveis pelas decisões estratégicas, no gerenciamento de crises e conflitos, e pela formulação de políticas, no seu mais alto nível, necessitam, em uma impositiva visão prospectiva, aprofundar seus conhecimentos sobre os custos e as dificuldades envolvidas nas operações militares em ambiente urbano.

### Os EUA e a doutrina militar terrestre para o terreno urbano

Em uma perspectiva de planejamento, os comandantes veem as cidades não apenas como acidentes topográficos, mas como entidades dinâmicas que incluem forças hostis, população local, e infraestrutura. Planejar operações urbanas demanda uma criteriosa "Preparação de Inteligência do Campo de Batalha", com particular ênfase na natureza tridimensional da topografia e na complexa estrutura social da população. (US Army Field Manual FM 3-0, OPERATIONS.)

Os EUA têm um longo histórico de experiências de combate em ambientes urbanos. A partir do século XX, destacam-se: II Guerra Mundial, Coréia, Vietnam, Panamá, Servia, Bósnia, Kosovo e, mais recentemente, Afeganistão e Iraque.

Na atualidade, o preparo e o emprego dos corpos de tropa do Exército (*US Army*) e do Corpo de Fuzileiros Navais (*US Marine Corps*) estão baseados em um programa de simulações *live, virtual and constructive – LVC* (real, virtual e construtiva). A simulação real é aplicada em centros de adestramento de diferentes guarnições em todo o território nacional e fora dele (particularmente, na Coréia do Sul e na Alemanha), com destaque para os: *National Training Center (Fort Irwin, California)*; *Joint Readiness Training Center (Fort Polk, Louisiana)*; *Combat Maneuver Training Center (Hohenfels, Germany)*. Nesses centros (e em vários outros), grandes unidades valor brigada, e suas unidades subordinadas valor batalhão, são desdobradas em terrenos que possuem edificações metodologicamente construídas, em uma simulação muito realista (*mock up*) de ambientes operacionais urbanos. Nesses cenários, sob a coordenação e controle de oficiais e sargentos selecionados, com relevante experiência de combate, atuando como observadores/controladores, são desenvolvidos exercícios táticos de campanha, extremamente realistas, até porque utilizam o sistema de engajamento tático *multiple integrated laser engagement system (Miles)*. O realismo se estende a civis contratados, habilitados em línguas e dialetos diversificados, que personificam, nessas simulações, habitantes locais dos prováveis teatros de operações onde a tropa será desdobrada.

A simulação virtual é mais limitada; destina-se ao treinamento de pequenas guarnições, tais como guarnições de armas coletivas, carros de combate, tripulações de helicópteros etc. As simulações dessa natureza são computadorizadas e materializadas em *containers* pré-fabricados. Hoje, estão presentes praticamente em todas as guarnições do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA.

A simulação construtiva se materializa por meio do que é universalmente identificado como “jogos de guerra” (*war games*). Destina-se especificamente ao adiestramento do processo de tomada de decisão (*decision making process*) em todos os escalões acima do nível batalhão (brigada, divisão, corpo de exército e exército de campanha). Com base nos fundamentos da recém-implantada filosofia da guerra rede cêntrica (*network centric warfare*), cuja metodologia repousa na divulgação simultânea da informação a todos os escalões, exploram-se, nos seus mínimos detalhes, o planejamento e a execução da sincronização dos sistemas operacionais de combate, com prioridade para o *C4ISR* (comando, controle, comunicações, computadores, inteligência, vigilância e reconhecimento).

No atual mundo globalizado, como não poderia deixar de ser, organismos altamente especializados, como é o caso do *US Army Center for Army Lessons Learned (CALL)*, *Fort Leavenworth, Kansas*, acompanham e analisam com profundidade as experiências de outros exércitos, em ambientes urbanos de localização diversificada.

A doutrina militar terrestre dos EUA preconiza que, de todos os ambientes operacionais, o urbano é aquele que confronta a força terrestre com a mais complexa combinação de adversidades. Muito embora os

ambientes operacionais urbanos possuam similaridades generalizadas, cada ambiente é distinto e reagirá e afetará as operações de forma diferenciada.

Isso se deve, sobretudo, ao fato de que os três componentes básicos do ambiente urbano — terreno, população local e infraestrutura de apoio — integrantes do sistema de sistemas interdependentes, possuem características totalmente diferenciadas, quando analisados em diferentes ambientes operacionais.

Uma operação urbana ofensiva, basicamente, é constituída pelas seguintes fases: avaliação (*assess*); adaptação (*shape*); dominação (conquista e manutenção - *dominate*); e transição (*transition*). A Avaliação se baseia na seleção da área urbana que possibilitará o cumprimento da missão nas melhores condições. Tem seu principal fundamento na manutenção da iniciativa, obtida pela superioridade na informação. A Adaptação consiste na massificação do poder relativo de combate sobre o(s) acidente(s) capital(ais) que possibilitará(ão) a conquista e a manutenção. A materialização da conquista ocorrerá por meio de uma sequência de ações: isolamento, investimento e conquista de acidentes capitais que caracterizem o cumprimento da missão. E, finalmente, a transição será a fase em que a autoridade militar passará a coordenação e o controle das ações de reconstrução a uma autoridade civil legitimamente constituída.

Nesse contexto, como fundamentos básicos das operações militares em terreno urbano, destacam-se: foco nas operações de informações (emprego de patrulhas, equipes de assuntos civis, e operações psicológicas, visando a um engajamento face a face com a população civil; cada soldado é um sensor); combate a curta distância; controlar o es-

sencial; minimizar o dano colateral; separar combatentes de não combatentes; restaurar os serviços essenciais; preservar a infra-estrutura crítica; entender a dimensão humana; e controlar a transição.

A preparação de inteligência do campo de batalha (*intelligence preparation of the battlefield – IPB*) — metodologia integralmente adotada pela doutrina militar terrestre brasileira, tendo como título: processo de integração terreno, condições meteorológicas e inimigo, PITCI — tem algumas peculiaridades:

- o terreno é descrito em termos de linhas de comunicações, padrões de urbanização, estruturas das construções, e da natureza tridimensional;
- concentrações de população, infra-estruturas críticas e restrições culturais destacam-se com especial relevância;
- predominância da inteligência humana sobre as de sinais e de imagens.

Preconiza-se que o preparo deve enfatizar as operações de combate sendo desencadeadas simultaneamente com as de estabilidade (conforme o moderno conceito de amplo espectro). E que o estabelecimento de regras de engajamento claras e objetivas não prejudique a proteção da força e a execução do fogo e do movimento (manobra).

No contexto de uma presença cada vez mais efetiva de forças irregulares, aliadas e hostis, a presença das FOpEsp torna-se impositiva. Em função de sua grande demanda, torna-se necessária a sua organização em forças-tarefa conjuntas combinadas de operações especiais (*joint combined special operations task force*) — presença de FOpEsp das diferentes forças armadas de diferentes países, sob comando unificado.

Algumas vulnerabilidades têm sido reportadas em experiências no TO do Iraque. Comandantes em todos os níveis demonstram problemas na aplicação das regras de engajamento e no princípio da proporcionalidade (resposta imediata ao fogo hostil em termos proporcionais). As ordens de operações, de uma maneira geral, não contemplam recursos de engenharia, de forma oportuna e adequada, o que se reflete em limitações no sistema de mobilidade e contramobilidade. No que se refere ao apoio logístico, cada comboio de suprimento deve ser planejado e executado como uma patrulha de combate. A insuficiência dos combatentes logísticos em proteger seus recursos de suprimento, transporte e evacuação sobrecarrega sobremaneira as unidades do sistema manobra.

O atual pensamento militar terrestre dos EUA ratifica que, com os avanços tecnológicos disponíveis no mercado (inclusive para os atores irregulares de diferentes matizes), as operações militares em terreno urbano estão ganhando dimensões que, anteriormente, não existiam. O escalão base para o planejamento e a execução das operações urbanas é a brigada (*brigade combat team – BCT*). Batalhões, entretanto, poderão cumprir missões independentes. Tudo tendo sempre em mente que o emprego altamente descentralizado de companhias, pelotões e grupos de combate constitui a essência das operações em terreno urbano. Há que haver uma conscientização de que, neste ambiente operacional, um insucesso tático de uma simples fração de pequeno efetivo pode ter repercussões estratégicas negativas de grande monta.

O atual foco das operações urbanas sobre forças irregulares hostis, terrorismo urbano, graves perturbações da ordem de diferentes

matizes, e sobre o crime organizado, tudo no mesmo ambiente operacional, ratifica a ideia de que o preparo e emprego para o combate em terreno urbano tornou-se absolutamente impositivo. O consenso é que este será, realmente, o campo de batalha do futuro.

### Experiência russa na Chechênia

Há que se enfatizar, entretanto, que a chave do sucesso no combate urbano é uma infantaria de alta qualidade. E o segredo de uma infantaria dessa natureza, muito mais do que o armamento e o equipamento, está na combinação de adestramento, liderança dos comandantes das pequenas frações e em um alto padrão do moral, incluindo o preparo para sofrer baixas... (The World Turned Upside Down; Military Lessons of the Chechen War", Anatol Liven)

Em seguida ao colapso da URSS, o povo checheno passou a buscar a sua plena independência política. Em meados de 1994, um estado de guerra civil abateu-se sobre o território checheno, com duas facções distintas e adversárias: uma, pró-independência e outra, pró-Rússia. Em dezembro de 1994, uma força expedicionária russa de valor corpo de exército, com um efetivo aproximado de 40.000 militares, foi lançada sobre a Chechênia, a fim de restaurar o controle político russo naquele conturbado território. A fim de buscar uma batalha decisiva, de imediato, os russos lançaram um ataque (efetivo de cerca de 6.000) com forças blindadas sobre a capital, *Grozny*. Ao contrário do que se podia esperar, os russos foram surpreendidos com uma tenaz resistência, com os irregulares chechenos dotados de grande quantidade de armamento e munição anticarro. Os russos se viram obrigados a retrair inúmeras vezes, sempre com pesadas baixas. Foram necessários cerca de três meses de acirrados combates para que se

concretizasse a conquista da capital. Porém, essa conquista não encerrou as sangrentas confrontações naquela cidade. Entre janeiro e maio de 1995, as baixas russas na Chechênia foram de aproximadamente 2.800 mortos, 10.000 feridos e mais de 500 capturados ou desaparecidos. As perdas chechenas também foram bastante elevadas, incluindo grande número de civis não combatentes.

Analisando-se aquela campanha, que se caracterizou como um dos mais relevantes episódios da história militar contemporânea, podemos classificar as valiosas lições aprendidas em três grandes vertentes:

- Mais uma vez, ficou ratificada a limitada eficiência e eficácia do armamento pesado em terreno urbano; por extensão, confirmou-se a crucial importância de uma infantaria bem adestrada, bem liderada, bem equipada, e altamente motivada.
- Ratificou-se também que a busca pela "batalha decisiva", preconizada pela Doutrina do Atrito, de *Clausewitz*, encontra grandes dificuldades, quando aplicada a forças irregulares motivadas e determinadas.
- Ratificou-se mais uma vez que uma sociedade julgada "primitiva" ou "caótica", segundo os padrões ocidentais, pode gerar um tremendo espírito guerreiro e uma disciplina militar altamente efetiva.

Seguem-se alguns dos mais relevantes ensinamentos colhidos:

- Impositiva se torna uma orientação cultural à tropa para que não ocorram problemas de relacionamento com a sociedade local, em função de uma ignorância cultural. Em inúmeras

ras oportunidades, soldados russos demonstraram total falta de tato no relacionamento com a população chechena, resultando que um grande número de civis não combatentes fossem cooptados para integrar a força de guerrilha chechena, ou pelo menos, estivessem predispostos a apoiá-la. Os russos, posteriormente, vieram a admitir que subestimaram, sobretudo, o valor da religião (grande maioria muçulmana).

- A separação de civis combatentes dos não combatentes é outra medida, ao mesmo tempo, complexa e relevante. O meio que, ao longo de toda a campanha, mostrou-se mais eficaz foi a utilização de cães farejadores que identificavam aqueles que manipulavam explosivos ou que haviam recentemente disparado armas de fogo.
- O impacto psicológico de um combate urbano de grande intensidade é tão intenso que se torna impositivo que as grandes unidades mantenham unidades em reserva, sob pena de, a curto prazo, estarem com todos os seus elementos subordinados fora de situação, em função do desgaste.
- Adestramento e disciplina são absolutamente indispensáveis. Nada pode ser alcançado sem estes dois importantes fatores. Na sua ausência, os resultados sempre foram desastrosos.
- Os russos foram surpreendidos pelo desembaraço com que os irregulares chechenos utilizavam telefones celulares, rádios Motorola, estações de TV improvisadas, videocâmeras

portáteis, e a Internet, para vencer a guerra da informação.

- Outra surpresa muito desagradável para os russos foi a proliferação de lança-rojões *RPG* 40mm (fabricação russa), bem como as formas criativas encontradas na sua utilização. Na prática, disparavam seu tiro certo em tudo o que se movia: carros blindados de natureza diversificada, viaturas de emprego geral, helicópteros e, quando necessário, sobre frações de tropa. Via de regra, cada peça de lança-rojões operava acoplada a um “caçador” (atirador de escol — *sniper*).
- O efetivo de unidades de infantaria tornou-se reduzido para as demandas que surgiram na campanha. Um exemplo que muito sobrecarregou estas unidades foi o despreparo dos soldados das unidades logísticas em realizar a sua proteção nos comboios e nos perímetros de suas instalações, quando se tornavam presas fáceis dos irregulares chechenos.
- As emboscadas eram particularmente muito bem executadas pelos chechenos insurgentes, sobretudo pelo seu conhecimento detalhado sobre o terreno. Sua execução não era apenas na dimensão horizontal; mas, também na vertical. Os insurgentes exploravam com muita propriedade a terceira dimensão do combate urbano. Não raro, ocupavam os terceiro e quarto andares das edificações, cedendo os primeiro e segundo para os russos. Assim, desencadeavam seus fogos de uma posição privilegiada. Não raro, a resposta dos russos desencadeava

uma confrontação armada entre os andares, sem que houvesse qualquer contato visual. Frequentemente, a ocorrência de fratricídio se fazia presente, sob a forma de um grande número de baixas.

- Nas situações em que os russos empregavam o apoio de fogo de artilharia, de morteiros, ou aéreo sobre as formações chechenas, estas cerravam sobre eles, transformando a batalha em uma grande confrontação corpo a corpo (e os chechenos eram muito bem preparados para tal). Quando os russos não cessavam o fogo, eram também atingidos; e quando cessavam, via de regra, eram violentamente batidos, no corpo a corpo, ficando com sérias sequelas psicológicas que, de imediato, refletiam-se numa significativa baixa no moral.
- As forças irregulares não se amedrontavam com os carros de combate *T-72* e as viaturas blindadas de transporte de pessoal *BMP*. A tática empregada era destruir a viatura da testa da vanguarda da coluna e a última na retaguarda. Com isso, obstruía-se completamente a via de acesso, o que facilitava a destruição sequenciada dos demais blindados, um a um. Nos três primeiros dias do combate em *Grozny*, a unidade blindada russa da vanguarda perdeu 20 dos seus 26 carros de combate, 102 de seus 120 *BMPs*, e os seus 6 *ZSU-23*.
- Algumas unidades russas, cujos efetivos tinham recrutas, vivenciaram uma experiência muito negativa. A maioria dos conscritos recusava-se a

desembarcar de suas viaturas blindadas de transporte, morrendo a bordo, sem disparar um tiro. Por outro lado, há que se destacar que inúmeras unidades de infantaria russas demonstraram ser uma verdadeira elite, pela forma desassombrada, eficiente e eficaz com que se comportaram no combate.

- Os irregulares chechenos eram extremamente brutais, sobretudo com os prisioneiros (alguns relatórios dizem que os russos também eram; porém parece haver um consenso de que os chechenos eram piores). Os russos mortos ou feridos eram pendurados de cabeça para baixo nas janelas das posições ocupadas pelos chechenos. Assim, para engajar os insurgentes, a curta distância, os russos eram obrigados a abrir fogo sobre os corpos de seus companheiros. Frequentemente, russos capturados vivos eram decapitados e suas cabeças eram expostas em pontos nítidos das vias de acesso que conduziam à capital. O armadilhamento dos corpos dos mortos com explosivos era uma prática comum a russos e chechenos.
- Ambas as saúdes, física e mental, das unidades russas começaram a declinar quase que imediatamente após o desencadeamento dos combates mais acirrados na cidade. Em menos de um mês, havia uma verdadeira crise de disciplina sanitária. Cerca de 35% dos soldados russos estavam com hepatite viral, muito séria, muito debilitante e de lenta recuperação. Aproximadamente 70% estavam com

diarreia crônica e infecções respiratórias superiores, que se transformavam rapidamente em pneumonia. A causa básica eram as constantes interrupções no fluxo logístico, que obrigavam os efetivos a tomarem água contaminada.

- Da mesma forma, pesquisas realizadas em 1.500 combatentes, logo após a campanha, demonstraram que 75% tinham algum tipo de desordem psicológica. Cerca de 30% tinham manifestado reações neuróticas, e 25%, esquizofrenia. As autoridades médicas russas reconheceram que muitas dessas doenças mentais poderiam ser minimizadas, ou mesmo evitadas, caso houvesse uma medicina mental preventiva no TO.
- Os russos ficaram muito satisfeitos com o comportamento de sua infantaria e do seu armamento e equipamento. Já com relação aos carros de combate T-72, a reprovação foi geral. Muito pesados, além de ter sua manobrabilidade comprometida nas ruas, tinham muito pouca visibilidade, e seu armamento era deficiente nos alcances muito curtos exigidos naquele combate. Foram substituídos, em curso de operações, por carros de combate mais velhos, porém, mais leves e ágeis; por mais BMPs e viaturas de artilharia autopropulsada.
- Veículos aéreos não tripulados (Vant) mostraram-se extremamente úteis. Nas situações de grave perturbação da ordem pública, armamento não letal foi empregado com muito bom rendimento; sobretudo, lançadores

de granadas com gases de diferentes tipos. O lança-chamas de fabricação russa (similar ao M202 fabricado nos EUA) também se mostrou muito eficaz.

- Conclusivamente, uma sólida sincronização de armas combinadas e um sistema de comando e controle altamente flexível e proativo mostraram-se mais eficientes do que as armas individuais empregadas por ambos os lados.

### Campanhas de Israel no Sul do Líbano (2006) e na Faixa de Gaza (2009)

Nosso Plano de Defesa está baseado, de uma maneira geral, nos foguetes que ainda não foram disparados e em uma rede de valas e túneis cavados no subsolo de uma ampla área urbana da Faixa de Gaza. O Exército de Israel será surpreendido quando vir combatentes surgindo da terra e engajando seus soldados com armas e equipamentos inesperados... (Abu Obeida, porta-voz das Brigadas Izz al-Din al-Qassam do Hamas, em entrevista coletiva, transmitida pela TV Al Jazeera, em 17 de dezembro de 2008)

Há muitas similaridades entre a Operação *Cast Lead*, executada na Faixa de Gaza, ao início de 2009, e a Segunda Guerra do Líbano, no verão de 2006. Em ambos os casos, Israel planejou e executou bombardeios e inseriu forças terrestres em territórios dos quais se havia retirado; entendendo que tal retirada poderia conduzir à paz. Na verdade, em ambas as situações, tais ações foram interpretadas como manifestação de fraqueza e, realmente, o efeito consequente foi a precipitação dos ataques de foguetes contra as cidades de Israel. Nas cidades ao

Norte, ataques do *Hezbollah*, a partir do Sul do Líbano; e no Sudoeste, especialmente a Cidade de *Siderot*, ataques do *Hamas*, na Faixa de Gaza.

Por outro lado, há que se identificarem algumas diferenças ímpares. Gaza é uma pequena faixa de terra, densamente urbanizada e povoada, sobre a qual Israel possui profundo conhecimento e uma inteligência comprovadamente eficaz. Já o Líbano é fisiograficamente maior e menos denso de população; e a inteligência de Israel sobre o *Hezbollah* sempre foi inferior à relacionada ao *Hamas*, *Fatah* e outros grupos palestinos. Há que se ressaltar também a significativa pressão sobre Israel para a restauração de sua credibilidade como uma força militar imbatível, sensivelmente afetada pelos nebulosos resultados obtidos na operação desenvolvida no Sul do Líbano em 2006.

O *Hamas* é também, em termos militares, bem inferior ao *Hezbollah*, até porque não dispõe de uma conexão explícita com o Irã, que apoia, de forma intensiva, este último, em adestramento, inteligência e armamento. As comunicações do *Hamas* são basicamente apoiadas em *walkie-talks*, até porque a cobertura por telefone celular, bem como as linhas telefônicas tradicionais foram prioritariamente destruídas por Israel. O desencadeamento das hostilidades do *Hamas* contra as Forças de Defesa de Israel (*IDF*) também sofreu marcantes prejuízos, em função de uma intensa hostilidade (que, não raro, chega à confrontação armada) entre este e o *Fatah*. Mesmo durante o engajamento decisivo em um conflito armado ostensivo com o inimigo comum (como foi o caso), o *Hamas* tem de repartir tempo e energia para fazer face às suas desavenças com o *Fatah*.

Na Segunda Guerra do Líbano, uma severa crítica feita contra Israel foi o fato de ter incrementado sobremaneira o papel de sua Força Aérea, no apoio às operações terrestres. As destruições das edificações e uma série de danos colaterais junto à população civil não combatente sofreram uma intensa rejeição na comunidade internacional. Sem dúvida alguma, a significativa participação das aeronaves de ataque de Israel sobre alvos originalmente identificados como pontos sensíveis do *Hezbollah* exacerbou um sério problema de relações públicas para Israel, com repercussões altamente negativas de nível estratégico.

E há que se destacar que todo esse desgaste não valeu a pena, pois, o *Hezbollah*, conforme demonstrado posteriormente, recuperou-se rapidamente das sequelas provocadas pelos bombardeios.

Todos esses fatos geraram ensinamentos que foram devidamente levados em consideração pelas *IDF* na sua ofensiva na Faixa de Gaza, de 27 de dezembro de 2008 a 18 de janeiro de 2009.

Um exemplo marcante dessas precauções foi o estabelecimento e divulgação de regras de engajamento, cujo teor não provocou críticas na mídia internacional; muito pelo contrário. Fundamentalmente, foram enfatizados os seguintes princípios, a serem integrados e aplicados de maneira cumulativa, de acordo com as situações em presença: necessidade militar; distinção; proporcionalidade; e humanidade:

- Necessidade Militar – um ataque só deve ser desencadeado, caso seja comprovadamente necessário para a consecução de uma finalidade militar.
- Distinção – As retaliações só devem ser dirigidas contra objetivos militares

e frações combatentes, comprovadamente identificadas como tal.

- Proporcionalidade – admite-se que um objetivo militar pode ser atacado mesmo se a retaliação puder causar danos colaterais a civis não combatentes, desde que tais prejuízos não sejam excessivos em relação aos efeitos da vantagem militar obtida.
- Humanidade – Quando um objetivo militar legítimo for atacado, quaisquer tipos de danos aos civis não combatentes devem ser evitados.

Israel é um exemplo típico, e sempre em constante evolução, de superação de situações de combate contra seus inúmeros tradicionais inimigos, ao mesmo tempo em que lhe é, cada vez mais, impositivo vencer a guerra da informação na comunidade internacional.

### Experiência brasileira

O Brasil possui duas campanhas muito bem-sucedidas de operações militares em terreno urbano. Ambas internacionalmente reconhecidas no seio dos analistas da comunidade de segurança e defesa.

A primeira, na época da Guerra Fria, foi desencadeada na luta contra a subversão e o terrorismo do final dos anos 1960, e primeira metade dos anos 1970. Naquele momento, sobretudo no ambiente operacional urbano de algumas das nossas principais cidades, radicais marxista-leninistas organizaram-se em células clandestinas subversivo-terroristas de diferentes matizes (orientação ortodoxa russa, ou foquista cubana, ou maoísta chinesa).

Há que se ressaltar que, em julho de 1969 uma das mais significativas lideranças terroristas nacionais, Carlos Marighella, lan-

çou um documento — *Minimanual do Guerrilheiro Urbano* — que, em curto prazo, veio a se tornar diretriz de orientação doutrinária, não apenas para as organizações nacionais, como também para inúmeras organizações terroristas internacionais (inclusive, até os dias de hoje).

Forças de segurança, integradas por pessoal especializado das Forças Armadas e dos órgãos de segurança pública, neutralizaram, por meio de táticas, técnicas e procedimentos de “vigilância”, “cobertura de pontos” e “estouro de aparelhos”; praticamente, sem quaisquer danos colaterais à população civil não combatente, toda essa nefasta, insidiosa e sangrenta tentativa, cujo verdadeiro objetivo estratégico era a instalação de um regime radical de extrema esquerda no Brasil.

O reconhecimento internacional consequente se deve, sobretudo, ao fato de que o Brasil, naquele momento crítico, em uma empreitada ímpar (em termos de América Latina), resolveu seus problemas de defesa interna pelos seus próprios meios, com seus próprios recursos humanos e materiais; sem a presença nem de tropa, nem de assessores estrangeiros. E há também que se destacar que todos os valiosos ensinamentos colhidos naquela oportunidade são integralmente válidos até os dias de hoje, não apenas nos nossos ambientes operacionais urbanos, mas também naqueles em que se caracterizar o combate contraterrorismo focado em células constituídas por forças subterrâneas desprovidas de apoio da população.

A segunda campanha refere-se ao atendimento de um relevante compromisso internacional, ainda em curso. Trata-se da *MINUSTAH*, Missão de Estabilidade das Nações Unidas no Haiti. No contexto

da liderança exercida pelo Brasil naquela missão, em função de que o comandante do Componente Militar, desde a sua ativação, é um oficial-general do Exército Brasileiro, e de que o maior contingente de tropa em presença é brasileiro, a preocupação permanente em todos os níveis de comando é com a prevenção e combate ao crime organizado (ou não) haitiano, verdadeiras forças irregulares que, homiziadas nas grandes favelas de *Port au Prince*, sempre se constituíram como maior ameaça à população e à autoridade das instituições governamentais constituídas.

O clímax da ação pacificadora deu-se de 22 de dezembro de 2006 a 28 de fevereiro de 2007, quando efetivos militares da *MINUSTAH*, reforçados por unidades de polícia das Nações Unidas e do Haiti, invariavelmente liderados pelo contingente brasileiro, desencadearam 19 operações de interdição de envergadura sobre áreas diversificadas, resultando em uma ação pacificadora excepcionalmente alcançada (até porque, com uma significativa minimização de baixas).

Em pronunciamento oficial, em agosto de 2007, *Ban Ki-moon*, atual Secretário-Geral da ONU enfatizou que

...em uma operação de seis semanas de duração, em meio a ferozes combates, as forças da ONU assumiram o controle das favelas. Cerca de 800 bandidos foram capturados, inclusive os seus líderes... A segurança não só foi restaurada nas ruas de *Cité Soleil*, mas também no restante da capital haitiana e em outras cidades.

De fato, a relevante pacificação de *Cité Soleil*, *Cité Militaire* e *Bel Air* — sem a qual, seria impossível reconstruir a infraestrutura básica do Estado Haitiano — constituiu-se em ações criteriosamente planejadas e magnificamente executadas. Suas lições aprendidas têm sido

utilizadas pelas Forças Armadas brasileiras nas chamadas operações de garantia da lei e da ordem (GLO). E hoje, inclusive, têm sido utilizadas como modelo para a Segurança Pública que, ao implantar as chamadas, e recentemente implantadas, Unidades Policiais de Pacificação (UPP) nas favelas da Cidade do Rio de Janeiro, estão reproduzindo procedimentos muito bem-sucedidos adotados pelo Contingente Brasileiro da *MINUSTAH*, em *Port au Prince*.

## Conclusão

Embora as áreas urbanas apresentem similaridades gerais, cada ambiente operacional é distinto e reagirá, afetando as operações de forças terrestres, de forma diferenciada. Uma tática, técnica ou procedimento eficiente e eficaz em um determinado ambiente poderá não ser em outro, em função de diferenciações topográficas, padrões de urbanização, tipos de construção etc.

Uma política adotada junto a uma população civil por um determinado exército que tenha atingido integralmente seus objetivos junto aos corações e mentes daquele grupo social poderá não ter o mesmo sucesso noutra situação, em que, inclusive, um ressentimento provocado por características étnicas, religiosas ou culturais pode provocar hostilidades de grande intensidade.

Na verdade, esse tipo de ambiente operacional demanda preparo para se enfrentar todo tipo de adversidade, desde forças militares convencionais, passando por forças irregulares com diferentes motivações e níveis de preparo, até as doenças mais diversificadas e, até mesmo, a fome. Todas estas, apresentando-se sob as formas combinadas mais complexas, tornam os desafios gigan-

tescas tarefas, cujo gerenciamento não possui quaisquer padrões normativos.

O Brasil, em função de sua estatura político-estratégica, cada vez mais relevante no cenário internacional, necessita possuir Forças Armadas permanentemente engajadas no preparo de seus recursos humanos e

materiais, para fazer face a tais adversidades características do combate em terreno urbano, não apenas quando empregadas dentro do território nacional, mas, também fora dele, o que impõe um cerrado acompanhamento das experiências alheias, colhidas nos mais diversificados ambientes operacionais. ☺

### Referências

*Military Operations in the Urban Environment*, Center for Army Lessons Learned, Combined Arms Center, Fort Leavenworth/Kansas.

*Lessons Learned from Modern Urban Combat*, US Army FM 3-06.11 – Combined Arms Operations in Urban Terrain.

*Soldiers in the Cities*, Edited by Michael Desch, Strategic Studies Institute, US Army War College.

*The World Turned Upside Down: Lessons of the Chechen War*, Anatol Liven.

*The Operation in Gaza (27 Dec 2008 – 18 Jan 2009): Factual and Legal Aspects*, The State of Israel.

*Operation Cast Lead; The Lessons of the Second Lebanon War are on Display this Time Around*, Rebecca Walberg.

*O Conflito de 4ª Geração e a Evolução da Guerra Irregular*, Alvaro Pinheiro, divulgado no site do CEE ECEME.

*HAITI: A Liderança Brasileira numa Complexa Imposição da Paz*, Alvaro Pinheiro, divulgado no site do CEE ECEME.



## Editorial 2011

### Coleção General Benício

#### DA CASA DO TREM À AMAN

Fragments da história da AMAN na visão de um cadete fundador  
*Gustavo Lisboa Braga*

Obra que, nas palavras do autor, “visa à preservação da história da Escola Militar, tanto do passado — Casa do Trem, Largo de São Francisco, Praia Vermelha e Realengo —, quanto da atualidade — Academia Militar das Agulhas Negras”. Aqueles que um dia foram cadetes passarão pelas páginas desse trabalho, colocando as suas próprias lembranças sobre a narrativa do autor;

Edição comemorativa do bicentenário de criação da Academia Militar das Agulhas Negras.